

IMAGENS TRANS_VIADAS¹

Jorge Caê Rodrigues²
Aldo Victorio Filho³

RESUMO

O artigo pretende refletir sobre aspectos imagéticos do trabalho de diferentes artistas da MBP contemporânea. O objetivo é ressaltar como o gênero e a sexualidade foram (des)construídas e ressignificados pelos/as artistas em suas apresentações (no palco e em vídeo) e no design das capas de seus discos que, sob a perspectiva aqui adotada, seriam tão portadoras de conteúdos quanto as músicas que embalam. A base teórica do artigo, ou seja, a análise das capas de discos e das performances dos artistas, foi a trama conceitual entre a Cultura Visual e os Estudos Queer.

Palavras chave: Gênero; Sexualidade; Cultura Visual; Capas de disco.

INTRODUÇÃO

Em 1983, o cantor e compositor Gilberto Gil incluiu no seu disco Extra a canção intitulada *O veado*, uma ode à performatividade de muitas bichas, na qual ressignificou a gíria “viado” que designava de forma desqualificante e discriminatória os gays.

Naquele momento o tema estava muito associado a nós, artistas que fazíamos a defesa da estética do androginismo – incorporando inclusive a ornamentália feminina em princípio proibida ao homem, mas enfim assumida por nossa geração como forma de afirmação de autonomia de ideia (...). (GIL, pg. 268, 1996)

Além de temas afetos à sexualidade e ao erotismo, política, religião e assuntos sociais inspiraram e inspiram as letras das canções ao longo de sua história. Tal riqueza temática inclui também personagens dissidentes de gênero cuja sexualidade emerge em muitas obras da MPB de formas diversas. Como todo campo de produção artística, a música popular reflete as nuances culturais de seus produtores e consumidores, o que significaria constatar que tudo o que explicita resulta do atravessamento de forças diversas que marcam a criação poética para além do plano meramente formal. Embora a maior parte das letras quando aborda romances e paixões o faz por meio das hétero representações, o que lhe escapa e desvia acaba por emergir e são justo tais insurgências que constituem a territorialidade que aqui nos interessa, mesmo que em muitas criações surja sob o peso da derrisão ou do escárnio.

No universo específico dessas representações, observamos que os protagonistas desviantes são apresentados desde o sujeito que *se fantasia de Antonieta⁴ para brincar no*

¹ Desdobramento do texto *Eu sou neguinha? Identidade e Ambigüidade na MBP*, produzido durante o programa de pós doutoramento na UFBA, 2018.

² Doutor em Literatura Comparada, UFF – 2007, cae_rodrigues@globocom

³ Doutor em Educação, UERJ – 2005, avictorio@gmail.com

⁴ Camisa Listrada – Assis Valente, 1938 (<https://www.letras.mus.br/assis-valente/275881/>)

Bola Preta e encabula sua amada, ao Zezé⁵, que, por conta da sua cabeleira tinha a sua masculinidade questionada, assim como a menina que gosta de namorar as outras meninas⁶. Dentre todas as personagens, uma se destaca, não apenas pelas qualidades estéticas da letra, mas, sobretudo por ter sido tomada como imagem das pessoas cuja inexorável dissidência sexual as fazem alvo das agruras decorrentes do preconceito. Trata-se da criação de Chico Buarque para a “Ópera do Malandro” – a bendita Geni⁷, personagem, estruturalmente marginal à moral hegemônica, dá conta das carências afetivas e sexuais dos enfeitados e até salva a cidade da ameaça da destruição, ao satisfazer os desejos do invasor. Nesta letra, de evidente sofisticação literária, na personagem é recuperada a ambiguidade da aceitação e uso coletivo do que contrasta e complementa o continente social.

Ainda em relação à essa marcante canção, no programa Amor e Sexo⁸, em outubro de 2017, a cantora Liniker contesta o refrão “*joga pedra na Geni*”, propondo – “não, não joga não!”, lembrando que o Brasil é um dos países com o maior índice de assassinatos de pessoas transgênero, o que exige a revisão da naturalização e interrupção do extermínio denunciado. Mesmo que a referida letra ironize e denuncie a hipocrisia moralista, seu refrão descontextualizado ofereceria a possibilidade de interpretações opostas ao ensejo da obra. A cantora Liniker faz parte de um grupo de artistas da MPB que vem surgindo nas últimas décadas rejeitando comportamental e visualmente a adequação ao sistema heteronormativo. No livro *Vozes Transcendentes* de Larissa Ibúmi Moreira (2018), são elencados 28 nomes de artistas que desconstruem as fronteiras de gênero na MBP atual.

Segundo Colling et al (2017), a emergência desses artistas e coletivos *artistas* pode ser explicada por varias razões.

...o espantoso crescimento dos estudos de gênero e sexualidade no Brasil, em especial os situados nas dissidências sexuais e de gênero; a ampliação do acesso às novas tecnologias e a massificação das redes sociais; a ampliação da temática LGBT na mídia em geral, em especial em telenovelas, filmes e programas de televisão; a emergência de diversas identidades trans e pessoas que se identificam como não –binárias em nosso país, da não adequação às normas (corporais e comportamentais) (COLLING ET ALL, 2017, pgs.196-197)

Nas artes, e especialmente na Música, as formulações identitárias e a plasticidade da performatividade do gênero se entrecruzam constituindo discursos e imagens que interpretam, afirmam ou aludem aos questionamentos e discussões sociais que se destacam na atualidade. A pavimentação conceitual deste artigo, que pretendemos que contribua com as produções

⁵ Cabeleira do Zezé – João Roberto Kelly, 1964 (<https://www.letras.mus.br/marchinhas-de-carnaval/497937/>)

⁶ A namorada – Carlinhos Brown, 1996 (<https://www.letras.mus.br/carlinhos-brown/44865/>)

⁷ Geni e o Zepelim – Chico Buarque de Holanda, 1970 (<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/77259/>)

⁸ Programa mensal da TV Globo que estreou em 2009

mencionadas na citação acima, associa os estudos da Cultura Visual aos Estudos Queer para favorecer a análise de algumas capas de discos e algumas performances de artistas da música popular brasileira, artistas cujas obras são referência para as manifestações identitárias não-normativas expressas em suas obras e imagem pública. A produção das imagens visuais atreladas às obras musicais constitui força especial de narrativa poética na desestabilização das fronteiras identitárias de gênero.

METODOLOGIA

Decorrente de uma pesquisa mais ampla, levada a cabo nos últimos anos, a presente discussão e decorrentes considerações buscam recuperar o que seria uma genealogia das manifestações poéticas das dissidências de gênero encontradas na visualidade da MPB, especificamente no design gráfico das capas dos LPs, DVDs e CDs ainda produzidos, nos vídeo-clips e nas performances de determinados artistas, para os quais gênero e sexualidade têm significação especial em suas obras. As capas de vinis, assim como as embalagens e rótulos dos CDs e DVDs, tiveram e têm papel importante na mediação entre o artista e seu público. Esses suportes foram e ainda são um dos espaços nos quais o design gráfico constituiu uma história particular e expressiva, na medida em que a produção e o consumo musical no Brasil são notavelmente amplos e intensos, oferecendo muito trabalho aos designers e exigindo criatividade e atualização crescentes. Ao longo da história da música popular brasileira, essas embalagens funcionaram como funcionavam os cartazes de filmes, tinham a missão de despertar a curiosidade e até fascinar o consumidor. Em muitos casos, suas concepções foram delegadas a artistas que fizeram das imagens visuais mais que mero rótulo, criaram obras que complementavam a obra musical e até mesmo sobreviveram autônomas à sonoridade em função da qual foram concebidas.

As imagens visuais exercem suas potências em diferentes suportes, dos atualíssimos meios virtuais aos ainda circulantes e mais facilmente identificáveis meios impressos e digitais. Dentre estes, destacamos as embalagens das mídias musicais, nas quais a representação do corpo é veículo de toda sorte de significações, quase sempre redundando em narrativas importantes, na medida em que a afetação pelas imagens liga o fruidor a diferentes lugares, espaços simbólicos e coletivos, servindo, em sua textualidade, nem sempre discreta, como referência e identificação, ou seja, de defesa e apoio frente aos ataques nos embates da vida. Entendemos como propõem os Estudos Visuais que,

Diante desses tipos de práticas e discursos normativos e comerciais, os estudos de cultura visual propõem um campo de análise crítico a partir de onde é possível

realizar um estudo das complexas relações estabelecidas entre a visualidade, a representação e as estruturas de poder. Uma análise baseada nas lógicas das sensações, em que a produção de significados seja móvel, itinerante, viajante, efêmera, não acabada. A partir desse ponto, é possível começar a descobrir o não visível, o invisível, o não visto e o anormal como nossos lugares de produção de práticas e de conhecimentos alternativos. Tais lugares nos permitirão falar de formas alternativas de existência e de comunicação próximas das pessoas normais e anormais, altermundializadoras, descoloniais e certamente menos racionais, porém mais relacionais. (VILLALOBOS e LOZANO, 2014)

Observamos, então, que há inequívoca relação entre as visualidades que embalam os corpos, a economia erótica ou reservas sexuais, e o posicionamento cultural, portanto político, dos sujeitos. Unimos à significação da imagem visual, sob a perspectiva da Cultura Visual, ao paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) o que nos remete à provocação de Oscar Wilde (2014) de que só os *frívolos não julgariam pela aparência*⁹. Usando os conceitos de Design Expandido (CANEVACCI, 2016), Cultura Visual (MIRZOEFF, 2015), e os Estudos Queer (BUTLER, 2003, MEYER, 2013, MISKOLCI, 2012), deflagramos nossas observações, como anteriormente anunciado, a partir da investigação de aspectos indiciais do trabalho artístico de uma seleção de diferentes artistas da MBP.

Em 2015, o vídeo *Zero*, da cantora Liniker, despertou a atenção não apenas pelo aspecto musical, pois, para além da atenção à qualidade musical, a artista editou sua imagem de forma polêmica. A imagem que ofereceu foi composta por elementos tradicionalmente femininos e masculinos, turbante, saias longas, adereços, maquiagem e bigode. Por meio da visualidade, a artista contribui com os debates sobre gênero e sexualidade no universo da MPB, considerando-o como privilegiado fórum de exposição e discussão da cultura contemporânea.

A Cultura Visual, campo transdisciplinar que congrega estudos e discussões sobre os diversos aspectos da visualidade, “trata a imagem não apenas pelo seu valor estético, mas, principalmente, busca compreender o papel social da imagem na vida da cultura” (MARTINS, 2007:26). Assim é marcada pela multidisciplinaridade e se conecta com todas as linguagens em benefício da ampliação dos sentidos do que se vê para além das cercanias da visualidade estrito senso e avança sobre vários domínios comunicacionais, artísticos, poéticos, culturais, científicos, tecnológicos e etc.. Articula, dessa forma, movimentos envolvendo áreas de saber cujos campos específicos de alguma maneira trocam contribuições, em menor ou maior grau, de acordo com suas potencialidades epistêmicas. (VICTORIO, 2013). Sob tal

⁹... às vezes as pessoas dizem que a Beleza é apenas superficial, e pode bem ser. Mas pelo menos não é tão superficial como o Pensamento. Para mim, a Beleza é a maravilha das maravilhas. Só as pessoas frívolas é que não julgam pelas aparências. O verdadeiro mistério do mundo é o visível e não o invisível...

perspectiva, tomamos para a discussão o conceito de um design expandido, o qual envolveria uma multidão de aplicações nas esferas culturais.

Nessa perspectiva, a representação visual expande seus sentidos por meio do recurso e diálogo com outros sistemas simbólicos. A imagem aplicada às capas de disco, portanto, implicaria na confluência de imagens poéticas das canções embrincadas com os códigos dos figurinos, somadas às mensagens cenográficas e associadas aos demais elementos dos shows que ocorrem simultâneos aos lançamentos dos discos. A obra que o artista assina, o cantor à frente de sua equipe não menos artista, se expande em ambientes e mídias diversas cujas conexões contam com o sucesso da experiência estética habilmente provocada em cada indivíduo que constitui seu público. O conjunto de apelos em torno da visualidade buscará alcançar a intimidade de cada sujeito coautor da experiência em curso.

Segundo Martins,

A imagem é uma condição vinculada ao modo como uma acepção, ideia, objeto ou pessoa se posiciona ou se localiza num ambiente ou situação. Significados não dependem da fonte que os cria, emite ou processa, mas de uma condição relacional e concreta, ou seja, da situação ou contexto no qual os vivenciamos. (MARTINS, 2007:27)

A perspectiva *Queer* criou condições favoráveis à reflexão sobre sujeitos e suas práticas para além dos do pensamento norteados pelos binarismos, hétero/homo, adequação/inadequação; moral/imoral, beleza/feiura e etc. na medida em que se pauta “na crítica às exigências sociais, aos valores, às convenções culturais como forças autoritárias e preconceituosas” (MISKOLCI, 2012:25).

O pensamento *Queer*, oriundo da agudeza da vivência queer, não questiona apenas a hegemonia dos padrões heteronormativos, mas busca desconstruir as suas bases político-epistêmicas, de forma a desmontar a naturalização da correção das normas e da adequação impositiva de comportamentos. A pauta *Queer* se baseia na liberdade de escolha e autorrealização radicalmente descompromissadas com qualquer tipo de imposição de ordem estética ou moral, o que implica no questionamento da imposição violenta de certas regras sociais e dos tabus culturais que impedem os indivíduos de ser o que sentem e desejam ser. Portanto, o *Queer*, em suas práticas e provocações, denuncia tudo o que implique na restrição das liberdades corpóreas, estéticas e performáticas e que venha, portanto, a excluir e desqualificar modos de ser, gostos, práticas e interações sociais. A liberdade postulada no pensamento e ação *Queer* é individual e coletiva, envolvendo a liberdade dos corpos, a autorrealização e realização das suas escolhas.

As visualidades (...) chegam até nós e engendram, constroem, realizam presenças, como uma tecnologia da imagem, logo estamos falando de artefatos de disputa política e epistemológica. As imagens visuais aliadas ou não a outras imagens sonoras, imaginais, olfativas, etc., ativam poderes e por poderes outros são ativados. Se projetam além dos suportes convencionais e ocupam corpos e coletivos. Indiciam pertencimentos, ações e territorialidades. Portanto, agregam e segregam, orientam e formam. (VICTORIO e TRAVASSOS, 2017, pg. 2)

JUVENTUDE TRANSVIADA

Desde o início do novo milênio surgem muitos artistas que exploram em suas criações os temas de gênero e sexualidade. Inicialmente via internet e depois em selos independentes, suas obras e imagens problematizam as (des)identidades, a sexualidade e os gêneros dissidentes. A imagem que oferecem é de arte e vida cotidiana integradas sem fronteiras discerníveis.

Escritora, cantora, atriz travesti, Claudia Wonder se destacou na cena artística underground de São Paulo nos anos 1980. Porém, só em 2007, depois de uma longa carreira pelo Brasil e no exterior, Claudia lança seu primeiro CD. A imagem que oferece na capa deste trabalho é de uma melindrosa, certamente, uma citação visual dos loucos anos 1920. Artista transgênero, Claudia se tornou um ícone para determinado público paulista.



Fig. 1. A Maravilhosa Claudia Wonder. LP Funkydiscofashion, Lua Music, 2007

Segundo Rafael Guimarães e Cleber Braga,

Artistas como Claudia Wonder e As Mercenárias, vidobrantes no *underground* paulistano são importantes para pensarmos como as estéticas *punk* se interseccionalizaram com as dissidências sexuais e de gênero: Claudia, uma multiartista travesti e As Mercenárias, um grupo de mulheres cis, dissidentes dos modelos heteropatriarcais, em especial que se constituem num momento histórico de “redemocratização” do Brasil. (GUIMARÃES e BRAGA, 2018)

No nordeste brasileiro, com uma curta carreira, porém com um visual impactante nas suas performances no palco e na capa de seu disco, a banda *Textículos de Mary* contribuiu ao seu modo para o reconhecimento da pluralidade sexual. A banda pernambucana chamou atenção da mídia durante o Abril Rock, de 2001. Conforme Marina Suassuna,

...tão irreverente quanto o conteúdo das músicas eram as roupas e a performance dos integrantes, que uniam crítica e escracho numa atmosfera sórdida, típica do submundo – artifício usado para falar da violência e intolerância com as minorias. (SUASSUNA, 2015)



A banda esteve em atividade de 1998 a 2004. E é certamente relevante na genealogia das imagens de dissidências sexuais e de gênero na MPB. Nos referimos à uma genealogia que, segundo Foucault, possa

marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda a finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender o seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos (FOUCAULT, 1982, p. 15).

Textículos de Mary foi censurada, não por órgãos públicos, mas pela própria gravadora que impôs à banda mudar sua postura e modificar algumas letras, o que levou seus componentes a finalizar os trabalhos da banda.

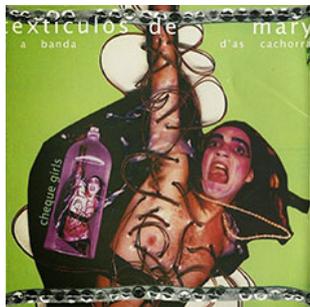


Fig. 2. Os textículos de Mary e a banda das cachorras. LP Cheque girls, Deckdisk, 2002

A mudança de milênio não se reduziria ao calendário. O terceiro milênio já estava posto no avanço das tecnologias de informação e comunicação, o que favoreceu e provocou mudanças globais do mercado à indústria, das lutas políticas à arte. Assim, todos os setores da indústria cultural foram levados a processos de reconfiguração cuja dinâmica e transformação parece não ter fim. De acordo com Marcelo Hailer, com a popularização da internet e do compartilhamento digital de músicas, expressões culturais e musicais ignoradas pela mídia tradicional começaram a ganhar popularidade com seus trabalhos independentes graças ao recurso das plataformas digitais. (HAILLER, 2017).



Fig. 3. CD Blasfêmia pouca é bobagem. Independente, 2009



Intitulando-se uma banda ‘*queer core*’, *Teu pai já sabe?* teve vida curta. A banda, que surgiu em 2008, em Curitiba, encerrou sua atuação em 2013. Veiculando o discurso *queer*, atendeu às demandas de um público específico, contudo a sua relevância naquele momento residiu não apenas no diálogo com seu público, mas também na afirmação política da diferença para os demais. Com críticas severas à norma heterossexual e ao movimento LGBT *mainstream*, a proposta da banda contrastava com o universo punk machista, atuação provocativa ostensivamente destacada na polêmica capa do disco – *Blasfêmia pouca é bobagem*.

De acordo com Collier (2018), nessa época, nos Estados Unidos, uma nova forma de comunicação já estava atingindo números estratosféricos: o *Youtube*. A plataforma de compartilhamento de vídeos foi lançada em 2005 e em apenas três anos se tornou um dos sites mais visitados do mundo e a partir daí, a indústria fonográfica foi levada a buscar outros modos de atuação, porém, mais do que nunca, as imagens, conforme nos diz Martins, passaram

... a ser tratadas como potencial dialógico para múltiplas possibilidades de interpretação, como uma forma de compreensão da experiência articulando processos performativos para relatar, descrever uma história, ou seja, para construir narrativas. (MARTINS, 2010, pg.25)

Grande parte dos artistas retratados no livro *Vozes Transcendentes* são resultados das possibilidades dos avanços tecnológicos e especialmente da plataforma do Youtube. Dentre os artistas desse novo tempo, Liniker, Linn da Quebrada, As Bahias e a Cozinha Mineira, Jaloo, Pablio Vittar, Gloria Groover, Bruno Capinam, Rico Dalasam, Bonde das Bonecas, MC Xuxu, entre outros, surgiram por meio da web e logo alcançaram êxito nacional e internacional, como é o caso da Liniker. Sua aparição, ainda transgressora, mesmo meio às inúmeras transgressões visuais e comportamentais que passaram a dominar o panorama musical “descolado”, “lacrou” na web e catalisou a atenção da mídia, a capa do seu CD, contudo, foi concebida em outra sintonia. É simples e discreta, sem dispensar o apelo estético. Seguindo a linha dos álbuns brancos¹⁰, a capa traz apenas o nome do disco – *Remonta*. Contudo, apresenta no interior uma imagem de um ser/ um humanóide do futuro ou um ET do presente. A não obviedade parece ser o partido escolhido, assim como a obra e imagem da cantora.

¹⁰ The Beatles (1968), Caetano Veloso (1969), Chico Canta – Chico Buarque de Holanda (1973)



Fig.4. Liniker e os Caramelows. CD Remonta, 2017

A capa de *Pajubá* da artista Linn da Quebrada exibe um corpo sem cabeça, passando a ferro uma peruca. Citação dadaísta intencional ou não, já recorre à desorganização visual como recurso central à criação poética. O reflexo de um rosto desfocado é visto no verso e a etiqueta circular central ao disco exibe o close de um cu. Conforme Colling et al (2017), no trabalho de Linn não há aspirações pela norma, ao contrário, traz crítica contundente às normas. O trabalho imagético não tem compromisso com padrões estéticos, nem com qualquer asepsia e disciplina visual ou conceitual. As imagens são de visualidades marginalizadas, como o corpo da bicha efeminada, banheiros rabiscados, roupas vulgares. Uma estética de enfrentamento, na medida em que destaca o ordinário e esteticamente irrelevante. São corpos, de saída, estranhos ao universo da beleza padronizada pelo mercado. É uma compreensível narrativa visual quando a associamos ao ativismo visual discutido por Nicholas Mirzoeff em seu livro *How to see the world* (2015), que se dá quando a imagem que produzimos sobre nossos corpos remete às causas políticas e culturais nas quais estamos implicados.



Fig.5. Capa e encarte de Pajubá de Linn da Quebrada. Independente, 2017

Na capa e encarte de *Divina Graça*, CD de Bruno Capinam, a imagem é o artista usando turbante e colares, rodeado de rapazes em poses sensuais com corpos negros objetivamente *queer*. Em 2018 o cantor se exibe meio a um grupo de rapazes, visualmente, semelhantes; não há nenhuma ambiguidade como rede de proteção. A imagem conota em leitura imediata o discurso intencionalmente *Queer*.



Fig.6 – A divina graça de Bruno Capinam. CD Divina graça, Jóia Moderna, 2016

O CD intitulado “*Bixa* do grupo *As Bahias e a Cozinha Mineira* remete ao disco *Bicho*¹¹ de Caetano Veloso. Enquanto *Bicho* apresentava em sua capa um grafismo suave e delicado de uma borboleta, *Bixa* apresenta as duas cantoras e compositoras trans em fotos fortes e cheias de atitude, coloridas e explosivas. Se em *Bicho* o compositor pedia para deixá-lo dançar e assumia seu amor pelo leãozinho, em *Bixa* elas assumem que são divas e “rameira bem fiel com a vida”, deusas urbanas da contemporaneidade. O ativismo visual também é visto na capa do encarte, no qual uma referência à icônica banana de Andy Warhol é apresentada. Aqui, a banana está descascada, é rosa e inevitavelmente fálica.



Fig.7 – A capa e o encarte do CD Bixa, YB Music, 2017

Em 2013, se utilizando do *Youtube*, cinco rapazes surgiram no universo funk e das dissidências sexuais e de gênero com o nome de Bonde das bonecas. Oriundos de Cinco bocas, favela de Brás de Pina, Rio de Janeiro, um de seus vídeos atingiu mais de 3 milhões de visualizações em 2 meses.

O sucesso da plataforma também fez com que as imagens do clip Zero, de Liniker, fossem vistas em poucos meses por 22.242.785 pessoas e ganhou 227 mil likes¹². A popularidade de Pablo Vittar e o ativismo de cantora trans Linn da Quebrada deram início a um novo debate sobre gênero e sexualidade como nunca houve antes na MPB. Apontados por

¹¹ Bicho – Caetano Veloso, 1977

¹² Visto no dia 17/1/2019

alguns como *ativismo*¹³ das dissidências sexuais e de gênero (Colling et al, 2017), esses artistas e outros vêm produzindo novos discursos em compasso com suas nuances poéticas e existenciais reconfigurando seus respectivos campos de atuação, que, como podemos constatar, estão em conexão com uma rede de atuação na qual se articulam os artistas que lhes antecederam e o presente de suas realizações.

CONSIDERAÇÕES EM PROGRESSO

Superando a oposição binária de gênero e sexualidade e deslocando fronteiras, alguns/mas artistas evidenciaram a plasticidade identitária no que tange ao gênero e ao sexo, e por meio de suas obras e corpos, oferecem novas possibilidades de imaginar (criar imagens visuais, sonoras e performáticas) críticas às normas, apontando o horizonte contemporâneo de possibilidades de vida e de criação poética.

No fim dos anos 1980, Caetano Veloso perguntava em uma de suas canções “Eu sou neguinha?”¹⁴. Hoje Liniker diz, “Sou uma bicha preta!”¹⁵. Dois momentos, duas colocações, uma só posição: não me limito à apenas uma possibilidade.

Hoje a discussão continua. As dissidências sexuais e de gênero de alguns cantores e de algumas cantoras atuais dialogam com os trabalhos dos artistas aqui mencionados. É interessante observar que Ney Matogrosso e Rico Dalasam, apesar da diferença de 48 anos, têm a mesma expressão estética, o mesmo “ativismo visual”. (Revista Trip, 2017). Mais de 50 anos depois, a cena musical brasileira apresenta um grupo de artistas que ultrapassou os limites da oposição binária de gênero por meio das suas imagens em performances no palco e nos vídeos circulantes nas redes sociais. A arte interage com a percepção e o posicionamento dos sujeitos em seus campos afetivos, provocando e propiciando reflexões favoráveis e mesmo imprescindíveis à reinvenção do panorama social.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANEVACCI, Massimo. Bottega digital – etnografias ubíquas, polifônicas e sincréticas nos olhres do designer. In: **A Revolução do Design – conexões para o século XXI**. Org. Victor Falasca Megido. São Paulo: Editora Gente, 2016

¹³ Artivismo é o nome dado a ações sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, que se valem de estratégias artísticas, estéticas ou simbólicas para amplificar, sensibilizar e problematizar, para a sociedade, causas e reivindicações sociais. ([HTTP://projetoBoudoir.com/artivismo/](http://projetoBoudoir.com/artivismo/)) Capturado em janeiro de 2019.

¹⁴ Eu sou neguinha? – Caetano Veloso, 1987

¹⁵ Liberdade de Gênero, serie documental da GNT, episódio 4.

- COLLING, Leandro et all. Enviadescer para produzir interseccionalidades. In: **Gêneros e Sexualidades: Interseções e Tangentes**. Org. João Manoel de Oliveira & Lígia Amâncio. Lisboa: Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS-IUL), 2017
- COLLIER, Renan e RODRIGUES, Jorge Caê. Visibilidade versus Representatividade. **Congresso Desfazendo Gênero**, UEPA, 2017.
- CORTEZ, Natacha. Me vejo em voce. In: **Revista Trip**. São Paulo: Trip Editora, número 266, 2017.
- FACCHI, Cleber. <http://miojoindie.com.br/glam-rock-10-discos-essenciais/>
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 20ª edição. São Paulo: Editora Graal, 2004
- GIL, Gilberto. **Todas as Letras**. Carlos Rennó (Org.) São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HAILER, Marcelo. *Artistas LGBT ocupam espaço nas mídias tradicionais em momento que o fundamentalismo político-religioso avança em todas as esferas sociais*. carosamigos.com.br/index.php/cultura/11550-musica-conta-a-ordem-e-os-bons-costumes-3, 2017
- MARTINS, Raimundo. Hipervisualização e territorialização: questões da Cultura Visual. **Educação & Linguagem**, v.13, nº 22, Goiânia, 2010
- _____, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das praticas de ver. In: **Arte, Educação e Cultura**. Marilda Oliveira de Oliveira (Org.) Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2007
- MIRZOEFF, Nicholas. **How to see the world**. USA: Pelican books, 2015.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autentica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.
- MOREIRA, Larissa Ibúmi. **Vozes Transcendentes – os novos gêneros na musica brasileira**. São Paulo: Hoo Editora, 2018
- OLIVEIRA, Fabiano. <https://woodstocksound.wordpress.com/2013/08/26/joao-ricardo-1975-disco-rosa/>
- RODRIGUES, Jorge Caê. Eu sou neguinha? Identidade e ambigüidade na MPB. No prelo, UFBA, 2019.
- _____, Jorge Caê e BASILIO, Thais. Identidades e ambigüidade de gênero nas capas de disco da MPB. In: **Todas as Musas – revista de literatura e das Múltiplas linguagens da arte**. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2014.
- SUASSUNA, Mariana. Se quebrem sem o meu corpo toca. [HTTPS://outroscriticos.com/entrevista-texticulos-de-mary/](https://outroscriticos.com/entrevista-texticulos-de-mary/), 2015
- VICTORIO Filho, Aldo. Enfrentamentos contemporâneos no ensino formal das artes: a cultura visual, o corpo e a arte. **22º Encontro Nacional ANPAP**. Belém, 2013
- _____, Filho, Aldo e TRAVASSOS, Mariane. *Falas e imagens como tecnologia de formação e resistência*. **ENICECULT/UFRB**. Santo Amaro, 2017
- VILLAS BOAS, Alexandre G. Artivismo: Arte + Política – Sistemas híbridos em ação. Dissertação de mestrado, UNESP, 2015.
- WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo, Martin Claret, 2014.
- VILLALOBOS, e LOZANO. *Estudos Sobre Cultura Visual, Estratégias Antimerkantistas* (<https://performatus.net/traducoes/estudos-cv-ea/>) ED. 12 Ano 2 | N. 12 | Out. 2014.